

O LIVRO XII DO *DE RE RUSTICA* DE COLUMELA: ASPECTOS COMPOSITIVOS E ELOCUTIVOS¹

Robson Tadeu Cesila

Universidade de São Paulo

robson.cesila@yahoo.com.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1449-238X>

RESUMO

O último livro da obra columeliana aborda, essencialmente, os deveres e o papel da *uillica*, a companheira do capataz (*uillicus*), na execução e gestão dos trabalhos da propriedade rural. Neste artigo, abordaremos alguns aspectos compositivos e elocutivos desse livro: o constante diálogo intratextual com os outros livros do tratado, em que se ressalta sempre a ênfase no papel da *uillica* (I); o emprego de digressões e analogias (II); o uso recorrente de determinados itens lexicais (sobretudo certos tipos de verbos, substantivos e advérbios) (III); e a exploração da intertextualidade com outras obras de tema agrário (IV).

Palavras-chave: Columela; *De Re Rustica*; *uillica*; Livro 12; Literatura técnica.

ABSTRACT

The concluding volume of Columella's *De Re Rustica* essentially deals with the duties and role of *uillica*, the manager's wife (*uillicus*), in the execution and management of the works in the rural property. In this paper, we will address some compositional and elocutive aspects of this book: the continuous intratextual dialogue with the other books of the treatise, in which the role of the *uillica* is always emphasized (I); the use of digressions and analogies (II), the recurrent use of certain lexical items (especially certain types of verbs, nouns and adverbs) (III); and the exploration of intertextuality with other works with an agrarian theme (IV).

Keywords: Columella; *De Re Rustica*; *Villica*; Book 12; Technical Literature.

I

O último livro do tratado *De Re Rustica*, de Columela (século I d.C.), aborda, essencialmente, os deveres e o papel da *uillica*, a companheira do

¹ Este artigo constitui, com ajustes e acréscimos, a versão escrita de conferência proferida no I Ciclo de Palestras do Grupo “Tradução e Pesquisa da Literatura Técnica e Didática Romana”, realizado em formato virtual em maio de 2022. Contém resultados parciais de pesquisa e tradução por nós realizada, acerca do Livro XII do tratado columeliano, no âmbito do referido grupo de pesquisa.

capataz (*uillicus*), na execução e na gestão dos trabalhos da propriedade rural (*uilla*).

O livro complementa, de certa forma, o conteúdo daquele imediatamente anterior, o XI, que é centrado nos deveres do *uillicus*, mas remete frequentemente a outros livros da obra. Com efeito, o Livro XII voltará a muitos temas já tratados ao longo do *De Re Rustica*, mas agora com foco total na figura da companheira do capataz, “protagonista”, por assim dizer, dessa parte do tratado, indicando-se o que, em cada etapa da produção da *uilla*, em cada fase do ano agrícola romano e em cada atividade ali desenvolvida será especificamente responsabilidade da *uillica*, seja na execução por ela mesma, seja na supervisão dos outros escravos que o executem. Assim, por exemplo, ao tratar dos preparativos para a vindima (XII.18.1), o tratadista principia da seguinte forma:

*Quamuis priore libro, qui inscribitur Villicus, iam diximus quae ad uindemiam praeparanda sunt, non tamen alienum est etiam uillicae de iisdem rebus praecipere, ut intellegat suae curae esse debere, quaecunq[ue] sub tecto administrantur circa uindemiam.*²

Embora no livro anterior, intitulado “O capataz”, já tenhamos falado sobre as coisas que devem ser preparadas para a vindima, não é, porém, alheio à matéria dar instruções sobre esses mesmos preparativos também à companheira do capataz [*uillicae*], para que ela entenda que deve ser de sua responsabilidade tudo o que precisa ser gerido no interior da casa no tocante à vindima.³

Há então, entre o casal, uma clara divisão de tarefas, nesse momento tão importante, para os habitantes da zona do Mediterrâneo, que é a colheita da uva e a fabricação do vinho, cabendo à *uillica* certos preparativos “internos” (*quaecunq[ue] sub tecto administrantur*), a serem executados dentro das construções da *uilla*, e que serão detalhados na sequência (XII.18.2-4)⁴:

² O texto latino de Columela reproduzido neste artigo é de E. S. Forster e E. H. Heffner (The Loeb Classical Library), 1993.

³ Todas as traduções de Columela neste artigo são de nossa autoria.

⁴ Ao *uillicus*, por outro lado, caberão predominantemente, no que tange aos trabalhos de colheita da uva, serviços “externos”, a serem realizados ao ar livre, no campo cultivado propriamente dito; tais serviços já haviam sido elencados e descritos no Livro XI (XI.7.58-71), em passagem que anunciara, inclusive, a intenção de abordar futuramente os deveres da *uillica*: XI.7.64: *Hoc etiam tempore qui consueuerunt uina condire, aquam marinam praeparant, et aduectam decoquunt: de qua conficienda praecipiam, cum uillicae officia exsequar.* “É também nessa época [a da vindima] que aqueles que costumavam temperar vinhos preparam água marinha, que transportam para casa e fervem; sobre como ela deve ser preparada explicarei quando tratar dos deveres da companheira do capataz [*uillicae*]”. Cf. também XI.7.62, em que o tratadista anuncia que tratará, futuramente, da preparação de figos secos e de uvas-passas, outra tarefa que diz estar reservada à *uillica*.

fabricação de vasos de tamanho adequado para acomodar o mosto; afiação das ferramentas necessárias para cortar os cachos; feitura dos cestos que receberão os cachos colhidos; lavagem e cuidadosa higienização dos lagares de vinho e de prensagem, das cubas e dos vasos; limpeza da adega e sua fumigação com substâncias odoríferas; realização de ritos e sacrifícios a divindades protetoras da vinificação; fiscalização de todo o pessoal que trabalha nos lagares, a fim de evitar a falta de higiene e os furtos. Também será tarefa da companheira do capataz cuidar da conservação e armazenamento da bebida, bem como da preparação de vinhos especiais por meio de aditivos; os variados métodos e processos empregados para tanto serão demoradamente explicados por Columela em um longo trecho (XII.18-40)⁵.

Outra passagem metalinguística que reafirma o tratamento dos assuntos, no Livro XII, pelo viés da *uillica*, e que faz referência a livros anteriores da obra, é a que segue (XII.4.1):

Nunc de ceteris rebus, quae omissae erant prioribus libris, quoniam uillicae reservabantur officiis, praecipiemus, et ut aliquis ordo custodiat, incipiemus a uerno tempore, quoniam fere maturis atque trimenstribus consummatis sationibus, uacua tempora iam contingunt ad ea exsequenda, quae deinceps docebimus.

Agora daremos instruções sobre questões que foram deixadas de lado nos livros anteriores porque estavam reservadas para o momento em que fôssemos tratar dos deveres da esposa do capataz, e, para que respeitemos uma certa ordem, começaremos pela época primaveril, pois é quando, já quase concluídas as sementeiras de tempo próprio e as trimestrais, dispõe-se já de tempo livre para a execução dos serviços que a seguir apresentaremos.

Vejam também esta, muito interessante, situada logo após o prefácio da obra, e que instrui sobre as características físicas e comportamentais desejáveis em uma *uillica* e sobre os cuidados que o proprietário (*dominus*) deve tomar ao escolher uma companheira para o capataz de sua propriedade rural (XII.1.1-3); note-se que tais qualidades e tais cuidados não diferem muito, segundo o autor, daqueles recomendados anteriormente na escolha do próprio *uillicus*:

1. Ea porro (ut institutum ordinem teneamus, quem priore uolumine inchoauimus) iuuenis esse debet, id est non nimium puella, propter easdem causas, quas de aetate uillici rettulimus: integrae quoque ualitudinis, nec foedi habitus, nec rursus pulcherrima. Nam illibatam robur et uigiliis et aliis sufficet laboribus: foeditas

⁵ Essa divisão de tarefas (externas x internas) entre o homem e a mulher no ambiente agrário remonta a Xenofonte de Atenas (séculos V-IV a.C.) e seu diálogo *Econômico* (cf. VII.10-X, sobretudo VII.10-43). O próprio Columela, no prefácio do Livro XII, resume o pensamento do autor grego acerca dessa questão, complementando essa síntese, em seguida, com reflexões próprias, mais direcionadas ao ambiente romano. Sobre o tema, ver também Trevizam, 2014, p. 160.

fastidiosum, nimia species desidiosum faciet eius contubernalem. 2. Itaque curandum est, ut nec uagum uillicum et auersum a contubernio suo habeamus, nec rursus intra tecta desidem, et complexibus adiacentem feminae. Sed nec haec tantum, quae diximus, in uillica custodienda sunt. 3. Nam in primis considerandum erit, an a uino, ab escis, a superstitionibus, a somno, a uiris remotissima sit, et ut cura eam subeat, quid meminisse, quid in posterum prospicere debeat, ut fere eum morem seruet, quem uillico praecepimus: quoniam pleraque similia esse debent in uiro atque femina, et tam malum uitare, quam praemium recte factorum sperare. Tum elaborare, ut quam minimam operam uillicus intra tectum impendat, cui et primo mane cum familia prodeundum est, et crepusculo peractis operibus fatigato redeundum.

1. Essa companheira – sigamos a mesma forma de apresentação que adotamos no livro anterior – deve, pois, ser jovem, isto é, não muito menina, pelas mesmas razões que expusemos a respeito da idade do capataz: assim como este, deve ter saúde perfeita, além de uma aparência que não seja desagradável, sem, contudo, ser excessivamente bonita. Isso porque uma saúde intacta suportará tanto as vigílias quanto as outras labutas; a fealdade deixará seu companheiro enfasiado, e a beleza, preguiçoso. **2.** Deve-se, assim, tomar cuidado para que não tenhamos um capataz infiel e avesso ao casamento, nem, por outro lado, sempre dentro de casa, indolente, preso nos abraços de sua mulher. Mas não são somente essas qualidades que mencionamos que devem ser buscadas em uma mulher de capataz. **3.** Será preciso, acima de tudo, cuidar para que ela se mantenha bem longe do vinho, de festins, de superstições, da ociosidade e de homens, e para que atente às coisas de que precisa se lembrar e àquelas que precisa prover para o futuro, em um comportamento que é mais ou menos o mesmo que prescrevemos ao capataz. De fato, quase todas as qualidades devem ser as mesmas no marido e na esposa, que devem tanto evitar o mal quanto esperar recompensas por suas boas ações. Além disso, ela tem de se empenhar para que as tarefas do capataz dentro de casa sejam mínimas, já que é imprescindível que ele saia com a turma de escravos logo ao romper do dia e só retorne, esgotado, ao escurecer, após ter concluído suas tarefas.

Já neste outro trecho (XII.1.1-2), que atribui à *uillica* a organização da casa de campo, o planejamento correto dos seus espaços, a disposição eficiente e prática dos objetos e móveis no seu interior e o armazenamento seguro e salubre da produção rural e dos víveres necessários ao sustento dos moradores, temos referência dupla ao Livro I e ao Livro XI, em que assuntos como a construção da *uilla* e os deveres de seus trabalhadores já tinham sido tratados, mas não ainda, como agora, na perspectiva da esposa do capataz:

1. Post haec meminisse debebit, quae inferantur, ut idoneis et salubribus locis recondita sine noxa permaneant. Nihil enim magis curandum est, quam praeparare, ubi quidque reponatur, ut, cum opus sit, promatur. Ea loca qualia esse debeant, et in primo uolumine, cum uillam constitueremus, et in undecimo, cum de uillico disputaremus, iam dicta sunt. 2. Sed ne nunc quidem demonstrare breuiter pigebit.

1. Em seguida, os produtos que forem trazidos para a casa ela deverá lembrar-se de que devem permanecer guardados em locais adequados e salubres, onde não se estraguem. Aliás, não há nada que mereça ser tratado com mais cuidado do que o planejamento do lugar em cada item deve ser guardado, de forma que, quando

for necessário, esteja acessível. Das características que esses locais devem ter, já tratamos não só no Livro I, quando fornecemos instruções sobre a construção da casa de campo, mas também no Livro XI, quando discorremos sobre os deveres do capataz [*uillicus*]. 2. Mas não me custa fazer de novo, agora, uma breve descrição.

II

Além desse constante diálogo intratextual com os outros livros do *De Re Rustica*, em que se acentua a especificidade do Livro XII por ser totalmente dedicado à figura da *uillica*, outro traço compositivo notável desse livro é o emprego de breves digressões que contêm analogias comparando o trabalho e a função da esposa do capataz com outros campos da atividade humana. Exemplo ilustrativo disso é o trecho que poderíamos chamar de “elogio da ordem” (XII.2.4-6)⁶: o tratadista abandona momentaneamente o tema de que está tratando (o planejamento e a disposição dos cômodos e objetos na casa de campo) para argumentar em favor da importância da *ordem* na vida dos homens, ou de como os princípios de ordenamento são essenciais para o sucesso em quaisquer campos da atividade humana:

4. *Quis enim dubitet nihil esse pulchrius in omni ratione uitae dispositione atque ordine? Quod etiam ludicris spectaculis licet saepe cognoscere. Nam ubi chorus canentium non ad certos modos neque numeris praeceunt magistri consensit, dissonum quiddam ac tumultuosum audientibus canere uidetur: at ubi certis numeris ac pedibus uelut facta conspiratione consensit atque concinuit, ex eiusmodi uocum concordia non solum ipsis canentibus amicum quiddam et dulce resonat, uerum etiam spectantes audientesque laetissima uoluptate permulcentur.* 5. *Iam uero in exercitu neque miles neque imperator sine ordine ac dispositione quidquam ualet explicare, cum armatus inermem, eques peditem, plastrum equitem, si sint permixti, confundant. Haec eadem ratio praeparationis atque ordinis etiam in nauigijs plurimum ualet. Nam ubi tempestas incescit, et est rite disposita nauis, suo quidque ordine locatum armamentum sine trepidatione minister promit, cum est a gubernatore postulatam.* 6. *Quod si tantum haec possunt uel in theatris uel in exercitibus uel etiam in nauigijs, nihil dubium est, quin cura uillicae ordinem dispositionemque rerum, quas reponit, desideret. Nam et unumquidque facilius consideratur, cum est assignatum suo loco, et siquid forte abest, ipse uacuus locus admonet, ut quod deest requiratur. Siquid uero curari aut concinnari oportet, facilius intellegitur, cum ordine suo recensetur.*

4. Pois há quem duvide de que no plano geral da vida nada exista mais belo do que o arranjo e a ordem [*dispositione atque ordine*]? Esse fato pode com frequência ser observado até mesmo nos espetáculos dos jogos públicos, pois, quando os cantores de um coro não seguem concordes as mesmas cadências e ritmos indicados pelo maestro que os rege, seu canto parece à plateia algo dissonante e caótico; quando, porém, seguem concordes os ritmos e pés indicados e cantam juntos como em um todo harmônico, de uma tal concordância de vozes não somente se produz

⁶ O modelo é novamente Xenofonte de Atenas (*Econômico*, VIII).

um som doce e agradável aos próprios cantores, mas também um enorme prazer que encanta espectadores e ouvintes. 5. Também no exército, nem o soldado nem o comandante conseguem, sem ordem e arranjo, levar a bom termo qualquer manobra, pois, se ficam misturados, o guerreiro armado se confunde com o desarmado, a cavalaria com a infantaria, e o carro de guerra com o cavaleiro. Esse mesmo empenho na organização e na ordem também possui enorme valor na navegação, pois, se sobrevém uma tempestade e a embarcação está devidamente organizada, o assistente consegue localizar sem afobação cada equipamento, guardado no seu devido lugar, quando o timoneiro lhe pede. 6. Ora, se essas práticas são tão eficazes nos teatros, nos exércitos e até na navegação, não há dúvida de que a função de esposa do capataz exige a ordem e a boa disposição das coisas que lhe cabe guardar. Pois, quando se atribui a cada objeto um lugar específico, não só ele é mais facilmente visualizado, como também, se acontece de não estar ali, o próprio lugar vazio ajuda a lembrar de procurar o que está faltando. É que, quando se inspecionam coisas que estão devidamente organizadas, é mais fácil perceber se alguma delas necessita de atenção ou de ordenamento.

As analogias feitas são com os espetáculos nos jogos públicos (*ludicris spectaculis*, especificamente, no caso, o canto executado pelo coro do teatro), com o exército (*in exercitibus*) e com a navegação (*in nauigiis*). Em todos esses campos de atividade, a ordem é importante, segundo o tratadista: nas partes corais do teatro, ela gera a desejável harmonia do conjunto, com todos os cantores seguindo ordenadamente o “maestro”; no exército, a boa disposição das tropas no campo de batalha leva à vitória; por fim, na navegação, o conhecimento sobre onde exatamente está cada equipamento evita a afobação e a confusão na tripulação quando sobrevém uma tempestade⁷. Digno de nota que as três comparações envolvem atividades eminentemente masculinas (a atuação no teatro, o exército e a navegação), equiparando, de certa forma, o papel desempenhado por uma mulher a essas importantes atividades humanas executadas por homens (espetáculos cênicos, guerra e comércio) e atribuindo sutilmente à *uillica*, conseqüentemente, a mesma dignidade que, na ótica dos antigos, permeava as citadas ocupações masculinas. Trata-se, como dissemos, de um efeito muito sutil, pois o raciocínio silogístico que conclui o trecho parece ainda deixar a tarefa feminina em posição inferior àquelas dos homens: se na arte dramática, na guerra e no comércio, que são áreas tão importantes para o progresso de um estado, a ordem é tão importante, por que não o seria em atividades menores, como aquelas desempenhadas domesticamente pela *uillica*?

Aliás, outra analogia presente no Livro XII reforça a associação entre a gestão da casa de campo e o governo de uma cidade ou estado. Após descrever

⁷ As mesmas analogias estavam presentes em Xenofonte (*Econ.*, VIII). Comparem-se as palavras de Columela, respectivamente, com os seguintes trechos do autor grego: VIII.3 (coro), VIII.4-7 (exército) e VIII.8 (navegação).

longamente a maneira como a companheira do capataz deve organizar a casa de campo e fazer a gestão do pessoal, distribuindo entre os demais escravos as funções a serem desempenhadas na parte interna da *uilla* (XII.3.1-9), Columela lembra que todo esse trabalho de organização e planejamento que está sob a responsabilidade da *uillica* precisa, porém, ser fiscalizado por um agente externo, seja o capataz (*uillicus*), seu marido, seja o próprio senhor (*dominus*) ou a senhora (*matrona*), donos da propriedade; como nas cidades bem governadas, cabe a esse agente fiscalizador fazer as regras estabelecidas serem respeitadas dentro da casa de campo (XII.3.10-11):

10. *Postremo his rebus omnibus constitutis, nihil hanc arbitror distributionem profuturam, nisi, ut iam dixi, uillicus saepius, et aliquando tamen dominus aut matrona considerauerit, animaduerneritque, ut ordinatio instituta conseruetur. Quod etiam in bene moratis ciuitatibus semper est obseruatum; quarum primoribus atque optimatibus non satis uisum est bonas leges habere, nisi custodes earum diligentissimos ciues creassent, quos Graeci nomophylakas appellant. 11. Horum erat officium, eos qui legibus parerent, laudibus prosequi, nec minus honoribus: eos autem qui non parerent, poena multare. Quod nunc scilicet faciunt magistratus, assidua iurisdictione uim legum custodientes. Sed haec in uniuersum administranda tradidisse abunde sit.*

10. Enfim, depois que tudo isso tiver sido organizado, penso, porém, que de nada adiantará essa distribuição de tarefas se, como eu disse, o capataz muitas vezes, e o senhor ou a senhora de vez quando, não fiscalizarem e não zelarem para que a organização assim estabelecida seja respeitada. Esse zelo também foi sempre observado nas cidades bem governadas, cujos homens mais nobres e importantes não viram como suficiente ter boas leis sem que nomeassem, como guardiães delas, os cidadãos mais responsáveis, aos quais os gregos chamam *nomophylakes*. **11.** Era tarefa destes últimos recompensar com elogios, e também com a estima geral, as pessoas que obedeciam às leis; mas castigar com uma punição as que não obedeciam.⁸ Isso hoje em dia é, obviamente, a função dos magistrados, que zelam pela validade das leis por meio do exercício constante da judicatura. Mas o que até aqui foi dito deve ser suficiente para a administração geral da casa de campo.

III

Passemos agora a alguns elementos elocutivos, os quais, evidentemente, não são exclusividade do Livro XII, mas características gerais do *De Re Rustica* como um todo⁹. O primeiro deles é o emprego massivo de verbos e locuções verbais de caráter declarativo e/ou prescritivo, algo natural em um tratado, gênero textual que se propõe a instruir sobre técnicas e práticas, a prescrever

⁸ Aqui, o modelo para a analogia é o trecho IX.14-15 da mesma obra de Xenofonte.

⁹ Ver também o estudo de Trevizam (2014, p. 83-90) sobre a linguagem do *De agri cultura* de Catão, em que se analisam alguns dos traços elocutivos que vamos aqui apontar em Columela.

métodos e soluções de problemas, a ensinar receitas e procedimentos. Assim, por exemplo, nota-se no livro a recorrência, geralmente na primeira pessoa que representa a voz autoral, de *praecipere* (“recomendar, dar instruções, prescrever, ordenar”, “ensinar, instruir”) e de *subiicere* (que, além do sentido etimológico de “lançar debaixo, pôr debaixo, colocar por baixo”, possui também a acepção, declarativa, de “expor, apresentar”).

Além dessas, outras formas verbais prescritivas abundam a cada parágrafo do livro e da obra, em construções de diferentes tipos:

a) oportet (+ oração infinitiva). Exemplo: *His praeparatis (...) herbas in usum colligi et reponi oportebit* (XII.7.1). “Depois de preparar esses produtos [o vinagre e a salmoura], **será preciso** colher ervas e armazená-las para o consumo”.

b) conuenit (+ oração infinitiva ou outro complemento). Exemplo: *Quae uasa confestim operculare et oblinire conuenit et in horreum siccissimum reponi, quo melius ficus perennet* (XII.15.2). “Por fim, **convém** tampar imediatamente e selar esses vasos, e depositá-los em um celeiro bem seco, para que o figo se preserve melhor, por muito tempo”.

c) opus est (+ ablativo). Exemplo: *quadam moderatione temperamentoque opus est* (XII.16.1). “pois **é preciso** ter certa dose de equilíbrio e de senso de medida”.

d) debere (+ oração infinitiva). Exemplo: (...) *iubent: locum esse debere auersum a sole* (...) (XII.4.4) “(...) determinam [aqueles autores] (...) que **o local deve ficar em posição contrária** à do sol (...)”.

e) subjuntivo presente (passivo)¹⁰: Exemplo: *Quod si uidebitur in aeno parum inesse olei, subinde, quantum satis erit, adiciatur, quo sit pinguior et nitidior uua passa* (XII.16.3). “Mas se, ao executá-las, parecer que no vaso de bronze o azeite está pouco, **que se vá acrescentando**, de quando em quando, a quantia que for necessária para que a uva-passa fique mais carnuda e vistosa”.

f) imperativo futuro¹¹. Exemplo: *Eodem tempore sorba (...) in urceolos picatos adicito, et opercula picata inponito et gypso linito, tum, scrobibus (...) urceolos ita collocato, ut oblita ora eorum deorsum spectent: deinde terram congerito et modice desuper calcato* (XII.16.4). “Nessa mesma estação, **coloca** as sorvas

¹⁰ Sobre o mesmo uso no *De agri cultura* de Catão, cf. Trevizam, 2014, p. 88, e sua nota 77 (p. 98), em que cita trecho de Perutelli (2010, p. 298).

¹¹ *Idem, ibidem.*

(...) em pequenos potes besuntados com pezo, **põe neles** uma tampa besuntada da mesma forma e a **sela** com gesso; então, dentro de covas (...) **deposita** esses pequenos potes de uma forma tal que as bocas seladas fiquem voltadas para baixo; em seguida, **enche** o buraco com bastante terra e **calca** por cima, sem exagerar”.

g) gerundivo. Exemplos: *legenda sunt* (XII.10.3), “devem ser colhidos”; *falculae et ungues ferrei parandi et exacuendi sunt* (XII.18.2), “podões e foices de ferro **devem ser preparados e afiados**”; *cella uinaria omni stercore liberanda (est) et bonis odoribus suffianda* (XII.18.3), “**é necessário livrar** a adega de qualquer imundície e **fumigá-la** com substâncias odoríferas”; *cura adhibenda est ut...* (XII.19.1), “**deve-se também cuidar** para que...”; *ne quidquam permiscendum (est) quo* (XII.19.2), “**não deve ser misturado** nada que”.

Passando agora a verbos de maneira geral (não apenas os de caráter prescritivo ou declarativo), nota-se o uso extremamente frequente, no livro XII, daqueles que denotam ações importantes dentro do assunto do tratado, qual seja, a dos trabalhos agrários e pecuários; em outras palavras, trata-se de verbos incontornáveis quando se necessita dar instruções sobre como executar tais tarefas. Podemos dividir esse conjunto em dois grupos:

a) verbos de sentido geral, denotando movimentos mecânicos ou processos próprios de qualquer atividade humana corriqueira: *pono, ponere*: “pôr, colocar” (e também seus derivados: *imponere, deponere etc.*); *adiicio, adiciere*: “acrescentar, adicionar”; *eximo, eximere*: “pôr à parte, por de fora, tirar, retirar, suprimir, livrar de, eximir”; *patior, pati* (“permitir, consentir”; “deixar em algum lugar ou estado, deixar de um certo jeito”); *sino, sinere*: “permitir”, “colocar”, “deixar em algum lugar ou estado, deixar de um certo jeito”.

b) verbos de sentido mais específico, ainda que longe de serem restritos ao âmbito das tarefas rurais (em negrito, as acepções com que geralmente aparecem no Livro XII):

- *condo, condere*: pôr junto, reunir, colocar; construir, fundar; criar, instituir, compor; conservar, pôr de parte, **guardar, armazenar**, encerrar; esconder, ocultar; enterrar, sepultar; consumir.

- *condio, condire*: **temperar, condimentar; pôr em conserva, curtir**; dar melhor gosto a, fazer realçar o sabor, pôr em relevo; suavizar, moderar, temperar; adubar; **preservar**.

- *gypso, gypsare*: **vedar com gesso**, engessar.

- *operculo, operculare*: **tampar, cobrir com tampa**.

- *permisceo, permiscere*: **misturar bem**.

- *diffundo, diffundere*: **despejar, verter, derramar**; dilatar.

- *percolo, percolare*: **coar, filtrar**.

- *eluo, eluere*: **escorrer, fazer escorrer**; tirar; **lavar**; dissolver, diluir; dissipar, gastar; esgotar.

Quanto aos quatro últimos verbos (*permiscere, diffundere, percolare e eluere*), seu uso difundido no livro se deve certamente ao fato de ele conter a explicação de muitas receitas de preparos de conservas, temperos e bebidas. Nesse sentido, podem-se citar ainda alguns substantivos também muito recorrentes no Livro XII, pois designam objetos importantes na feitura desses produtos, sobretudo do vinho e do azeite: *fiscellus, i*, que designa uma pequena cesta; *torcularius, i*, “prensa”; *lacus, us*, que significa “cuba”, “lagar” (nessa segunda acepção, tanto o cômodo em que os trabalhos de prensagem da uva e da azeitona são feitos, quanto o tanque ou cuba, especificamente, para onde os líquidos escorrem após a prensagem das frutas); *forum, i*: “mercado”, mas também, e sobretudo, com seu significado técnico mais específico de “cuba de pisa” (para as uvas e azeitonas).

Considerando-se ainda a ênfase no ensino de receitas nesse último livro do *De Re Rustica*, deve-se destacar o uso frequente de construções indicativas de quantidade ou volume, instruindo sobre quanto de determinados ingredientes deve ser acrescentado aos preparos. Tome-se como exemplo o substantivo neutro *exiguum, i* seguido de genitivo (“pequena quantidade de”, “um pouco de”), ou mesmo usado de forma isolada, sem complemento, na função de advérbio modificando um verbo (“um pouco”). Outros exemplos são *parum* (+ genitivo, “um pouco de”, ou sem ele, adverbialmente, “pouco”), e *aliquid* + genitivo: “um pouco de” (como em *aliquid salis*: “um pouco de sal”, “uma pitada de sal”). E ainda a expressão *quantum satis erit*: “o quanto for necessário/suficiente”, “a quantia que for necessária/suficiente”, muitas vezes bem traduzido pelo nosso “a gosto” em expressões como “coloque sal a gosto”, “adicione tempero a gosto”.

Nas receitas, além das citadas construções “quantitativas”, também são comuns as “qualitativas”, como o *quam* seguido de um adjetivo no superlativo: *quam recentissima*, “a mais fresca possível” (em geral em referência à água), *quam optimus*, “da melhor qualidade possível”, *quam maturissima*, “a mais madura possível”. E, nas instruções acerca da guarda, preservação e armazenamento dos produtos do campo e dos preparos com eles feitos, recorre bastante o par opositivo *sub tecto*, “em lugar coberto”, “no interior da casa”, e *sub dio*, “ao ar livre”.

Outros elementos lexicais que são bastante comuns no livro são aqueles que poderíamos rotular como marcadores temporais ou de sequenciamento, muito comuns quando o autor se põe a fazer listas de tarefas a serem executadas em uma determinada sequência, seja nos procedimentos relativos à fabricação de utensílios (cestos, vasos *etc.*), seja, sobretudo, nas já citadas explicações de

receitas, muito numerosas nessa parte final do tratado. Eis alguns exemplos: *deinde*, “em seguida”, *ita*, “e assim”, “e em seguida”; *tum*, “então”, “em seguida”, “depois”; *postea*, “depois”, *nec minus* (lit. “e não menos”, ou seja, “e não menos importante”), “além disso”, “bem como”); *quoque*, “também”, “além disso”, “ainda”; *deinceps*, “em seguida”. Vejamos um trecho em que alguns desses marcadores de sequenciamento são usados (XII.8.1-2); trata-se da explicação sobre como se deve preparar a *oxygala* – espécie de leite azedo temperado com especiarias – e os passos para essa preparação:

1. *Oxygalam sic facito. Ollam nouam sumito, eamque iuxta fundum terebrato: **deinde** cauum, quem feceris, surculo obturato, et lacte ouillo quam recentissimo uas repleto, eoque adicito uiridium condimentorum fasciculos, origani, mentae, cepae, coriandri. Has herbas ita in lacte demittito, ut ligamina earum extent. 2. **Post diem quintum** surculum, quo cauum obturaueras, eximito, et serum emittito. Cum **deinde** lac coeperit manare, eodem surculo cauum obturato, intermissoque triduo, ita ut supra dictum est, serum emittito, et fasciculos condimentorum exemptos abicito: **deinde** exiguum aridi thymi et cunilae aridae super lac destringito, concisique sectiui porri quantum uidebitur adicito, et permisceto: **mox** intermisso biduo rursus emittito serum, cauumque obturato, et salis triti quantum satis erit adicito, et misceto, **deinde** operculo imposito et oblitino, non ante aperueris ollam, quam usus exegerit.*

1. A *oxygala*, prepara-a da seguinte forma. Pega um vaso novo e faz nele um furo perto do fundo; tampa **então**, com um pequeno bastão, o furo feito, e enche o recipiente com leite de ovelha o mais fresco possível, adicionando em seguida pequenos maços de condimentos verdes: orégano, hortelã, cebola, coentro. Introduz essas ervas no leite de um jeito que as amarras que unem os maços fiquem esticadas para fora. 2. **Depois de cinco dias**, retira o pequeno bastão com que tinhas tampado o buraco e deixa sair o soro do leite. **Então**, quando o leite começar a escorrer, fecha de novo o buraco com o bastão, e, depois de esperar mais três dias, deixa o soro sair da mesma forma que acabei de explicar, e retira e descarta os maços de condimentos. **A seguir**, rala sobre o leite um pouco de tomilho seco e de manjerona seca e acrescenta pedacinhos de alho-poró de cortar na quantidade que desejares, misturando tudo muito bem. **Depois**, passados mais dois dias, deixa de novo sair o soro, tampa em seguida, de novo, o buraco, adiciona sal moído a gosto e mexe bem; **então**, coloca uma tampa na abertura superior e a sela, e não abras mais o vaso a não ser no momento de utilizar o produto.

IV

Para terminar, examinemos um interessante caso de intertextualidade dupla no livro em questão, envolvendo o excerto XII.3.6 de Columela, uma passagem de outro tratadista antigo que abordou os temas rurais, Catão (*De Agri Cultura*, 39), e um trecho das *Geórgicas* virgilianas (1.259-267). O diálogo intertextual com outras obras – em versos ou em prosa – que trataram dos assuntos do campo é mais um elemento compositivo a se destacar no Livro XII e no conjunto do *De Re Rustica*.

O trecho columeliano que vamos analisar aborda os serviços sob a responsabilidade ou supervisão da *uillica* que podem ser executados mesmo com mau tempo, uma medida necessária para que nenhum escravo fique ocioso nesses dias em que os trabalhos ao ar livre não são possíveis (ou são desaconselhados), e para que, retornando o bom tempo, tudo esteja preparado para a retomada imediata dos serviços externos:

6. *Pluuiis uero diebus, uel cum frigoribus aut pruinis mulier sub dio rusticum opus obire non potuerit, ut ad lanificium reducatur, praeparatae sint et pectitae lanae, quo facilius iusta lanificio persequi atque exigere possit. Nihil enim nocebit, si sibi atque actoribus et aliis in honore seruulis uestis domi confecta fuerit, quo minus patrisfamilias rationes onerentur.*

6. Nos dias chuvosos, ou quando, por causa do frio ou da neve, a mulher não puder realizar trabalho no campo, ao ar livre [*sub dio*], que ela possa se manter reclusa no lanifício, mas, para isso, que a lã tenha sido preparada e cardada previamente, pois assim ficará mais fácil atingir (e exigir que se atinja), na produção de lã, a meta estipulada. De fato, não será nada ruim se as roupas dela, dos encarregados e dos demais escravos de melhor condição social tiverem sido feitas em casa, desonerando as finanças do *paterfamilias*.

Catão abordara igualmente o tópico, embora seu foco não seja a figura da companheira do capataz (e sim o conjunto dos trabalhadores da *uilla*); por isso mesmo, sua lista de tarefas se mostra mais extensa que a de Columela, que se centra no trabalho do lanifício. Chama a atenção, porém, o fato de que ambos os trechos terminem com a preocupação com o balanço financeiro da unidade agrícola:

39. *Vbi tempestates malae erunt, cum opus fieri non poterit, stercus in stercilinum egerito. Bubile, ouile, cohortem, uillam bene purgato. Dolia plumbo uincto uel materie querneae uere sicca alligato. Si bene sarseris aut bene alligaueris et in rimas medicamentum indideris beneque picaueris, quoduis dolium uinarium facere poteris. (...) Per imbrem in uilla quaerito quid fieri possit. Ne cessetur, munditias facito. Cogitato, si nihil fiet, nihilo minus sumptum futurum.*

39. Quando fizer mau tempo e quando não se puder trabalhar, tira esterco para a esterqueira. Limpa bem o curral, o redil, o terreiro e a sede. Veda os *dolia* com chumbo ou prende-os com madeira de carvalho bem seca. Se bem consertares ou bem prenderes, puseres grude nas fendas e besuntares com pez, poderás fazer de qualquer recipiente um *dolium* para vinho. (...) Durante as chuvas, busca o que se pode fazer na sede. Que não haja pausas. Ocupa-te de manter tudo limpo. Lembra-te de que, se nada for feito, não haverá menos gastos. (*Da Agricultura*, 39)¹².

¹² Tradução de Matheus Trevizam (2016, p. 88-89), de onde também se extraiu o texto latino.

Situado cronologicamente entre os dois tratadistas autores de obras em prosa, Virgílio dá a sua versão poética do tema em *Geórgicas*, I.259-267; porém, assim como Catão, e diferentemente de Columela, suas instruções para a época chuvosa ou fria não se restringem àquelas que são de responsabilidade da *uillica*:

Frigidus agricolam si quando continet imber,
Multa, forent quae mox coelo properanda sereno, 260
Maturare datur: duram procudit arator
Vomeris obtusi dentem; cauat arbore lintres;
Aut pecori signum, aut numeros impressit aceruis:
Exacuunt alii uallos furcasque bicornes,
Atque Amerina parant lentae retinaculae uiti. 265
Nunc facilis rubea texatur fiscina uirga;
Nunc torrete igni fruges, nunc frangite saxo.

(...) Frio e chuva

Se ao colono retêm, com cedo avie¹³ 260
 Cousas que hão de apressá-lo na estiada:¹⁴
 Amole o duro dente à bota relha,
 Cave em canoa o tronco, ferre o gado,
 Moios numere e note; paus se espontem¹⁵
 E bicornes forcados, amerinos 265
 Lios à lenta vide se aparelhem;¹⁶
 Ceirões maneiros teça a rúbea vara,¹⁷
 Os grãos o fogo taste e a pedra os moa.¹⁸

Aproveitando essa tripla comparação entre os trechos em prosa de Columela e Catão e o trecho poético de Virgílio, concluíamos este artigo dizendo que os trechos columelianos reproduzidos e traduzidos ao longo de nosso texto demonstraram suficientemente, acreditamos, certos elementos compositivos e elocutivos empregados recorrentemente pelo autor na construção do Livro XII e dos demais livros do *De Re Rustica*. Tais elementos – sobretudo as digressões e as belas analogias construídas, bem como o relativamente longo prefácio do livro (que não foi possível aqui trabalhar) e sua abordagem histórica, filosófica

¹³ “Com cedo avie”: providencie logo.

¹⁴ “Na estiada”: no tempo de calor, no verão.

¹⁵ “Moios”: medida de capacidade, equivalente a 60 alqueires.

¹⁶ “Amerinos lios”: liames, laços de Améria, cidade da Úmbria famosa pela qualidade de seus produtos de vime. “Lenta vide”: tenra videira.

¹⁷ “Ceirões maneiros”: cestos práticos, fáceis de manusear. “Rúbea vara”: vara de amoreira (*rubus*, em latim).

¹⁸ Tradução de Odorico Mendes (v. 259-268 na tradução), de quem tomamos também o texto latino. Ambos os textos foram retirados da edição das *Geórgicas* de Virgílio do Grupo Odorico Mendes (2019, p. 46-47), de onde provém também as informações das notas acima.

e “sociológica” – permitem confirmar o juízo de valor, já bastante difundido¹⁹, de que o texto de Columela não é mera literatura técnica, de leitura árdua, destituída de beleza literária, mas que, se está longe da elevação estética da poesia didática representada pelas *Geórgicas* de Virgílio, está igualmente distante, em termos de beleza de estilo e ornamentação da linguagem, da prosa objetiva, seca e submissa ao pragmatismo do *De Agricultura* de Catão²⁰.

REFERÊNCIAS

- ALBRECHT, M. von. *A history of Roman Literature*. Vol. I: *From Livius Andronicus to Boethius*. Leiden/Nova Iorque/Colônia: E. J. Brill, 1997.
- CATÃO, M. P. *Da Agricultura. De Agri Cultura*. Tradução, apresentação e notas de Matheus Trevizam. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.
- CITRONI, M.; CONSOLINO, F. E.; LABATE, M.; NARDUCCI, E. *Literatura de Roma Antiga*. Tradução de Margarida Miranda e Isaías Hipólito. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.
- COLUMELLA, L. J. M. *On agriculture*. Vol. III. Edited and translated by E. S. Forster e E. H. Heffner. Cambridge (Massachusetts), Londres: Harvard University Press, 1993 (The Loeb Classical Library).
- GLARE, P. G. W. (ed.). *Oxford Latin Dictionary*. 3ª reimpr. Nova Iorque: Oxford University Press, 1985.
- MARTIN, R.; GAILLARD, J. *Les genres littéraires à Rome*. Paris: Nathan, Scodel, 1990.
- TREVIZAM, M. *Prosa técnica: Catão, Varrão, Vitruvius e Columela*. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.
- VARRÃO. *Das Coisas do Campo*. Introdução, tradução e notas de Matheus Trevizam. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.
- VIRGÍLIO. *Geórgicas*. Tradução de Manuel Odorico Mendes. Organização de Paulo Sérgio de Vasconcellos et al. Edição anotada e comentada pelo Grupo de Trabalho Odorico Mendes. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2019.
- XENOPHON. *Oeconomicus. A social and historical commentary*. Translation, introduction and commentary by Sarah B. Pomeroy. Oxford: Clarendon Press, 2001.
- XENOFONTE. *Econômico*. Tradução do grego e introdução de Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Recebido: 5/10/2022

Aceito: 16/11/2022

Publicado: 17/11/2022

¹⁹ Cf. Citroni et al., 2006, p. 818; Albrecht, 1997, p. 1241; Martin & Gaillard, 1990, p. 176-177; Trevizam, 2014, p. 170-175 e 188.

²⁰ Sobre esses traços da prosa de Catão, cf. Marmorale, 1949, p. 184-185 (*apud* Trevizam, 2014, p. 89-90), bem como o comentário do próprio Trevizam (*ibidem*, p. 90).